

Buscando formas de ler e de escrever: um trabalho em parceria “universidade-escola pública”

Lilian Lopes Martin da Silva e Ana Carla de Oliveira Dinni***

Resumo: O presente texto configura-se como um relato de experiência em que pesquisa e participação na escola estão integradas. Trata-se de uma das frentes de trabalho desenvolvidas no interior de um projeto maior, que colocou em parceria alunos e professores da escola básica e da universidade. No âmbito do subprojeto de língua portuguesa, a fabricação de um jornal escolar possibilitou a reflexão sobre as relações socioculturais dos alunos com a escrita e a leitura.

Palavras-chave: escrita escolar; jornal escolar; produção de textos na escola; atividade extracurricular.

Abstract: This text is a report of experience in which research and participation in school are integrated. It is a part of a bigger work that put together pupils and professors from primary school and university. In the area of Portuguese language, the production of a school newspaper led to the reflection about the social and cultural relationships of the pupils with writing and reading.

Key words: School writing; school newspaper; writing texts at school; non-curricular activity.

Introdução

Inicialmente imaginado como estratégia capaz de provocar uma nova direção para a produção de textos no âmbito da disciplina língua portuguesa em uma escola pública da cidade de Campinas, o jornal escolar *O Borrão* acabou permitindo, com seus doze números produzidos durante dois anos, o nosso encontro com uma multiplicidade de vozes dispersas e silenciadas no cotidiano escolar, dando visibilidade para identidades, capacidades, interesses, práticas e sentimentos presentes na instituição.

Além disso, seu processo de fabricação (muito maior do que a simples experiência individual da escrita manuscrita) exigiu uma revisão de nossas próprias idéias sobre a escrita e seu ensino, os modelos presentes em nossa formação, as

* Professora da Faculdade de Educação da Unicamp. emarthi@terra.com.br.

** Aluna do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

“distâncias” entre nós e a geração de alunos que está no território escolar, suas idéias sobre o “o quê” e “o como” da escrita que se endereça aos seus pares.

Desenvolvida como atividade extracurricular por alunos de diferentes idades, séries e períodos, sob a orientação direta de licenciandos em atividade de estágio supervisionado, a produção do jornal foi, ao mesmo tempo, um desafio feito aos alunos — para uma atuação sistemática e partilhada no pólo de produção dos textos escritos, em revezamento com sua experiência mais usual de leitores de produções alheias — e um desafio para nós, professores e alunos universitários: conhecê-los e compreendê-los em sua relação sociocultural com a escrita e a leitura, de modo que a experiência nos ajudasse a repensar nossos itinerários metodológicos para a escrita escolar.

A possibilidade de um jornal concebido, discutido, escrito, diagramado, editado, ilustrado, impresso, distribuído e lido no interior de uma comunidade escolar foi assegurada pelo Projeto em Parceria EEPSPG *Barão Geraldo de Rezende* e Universidade Estadual de Campinas, com apoio da FAPESP¹, projeto interdisciplinar e integrado, levado a efeito por cinco equipes de professores da Faculdade de Educação e da escola parceira, cuja meta, além da formação continuada, era a organização curricular.

Neste trabalho vamos nos ocupar do relato de algumas de nossas descobertas como grupo em formação, no interior dessa experiência de ação e pesquisa na escola, valendo-nos, principalmente, da consulta aos nossos relatórios de pesquisa, aos números produzidos do jornal e aos diários de campo dos estagiários. Podemos pensar que este texto, mais do que comunicar resultados de uma pesquisa, representa um esforço de olhar de novo, comentar, re-significar aspectos do trabalho realizado.

Um desejo e uma aposta de trabalho

A idéia de se ter, na escola, um jornal que fosse produzido *por* um grupo de alunos, a partir de coisas escritas *pelos* alunos de todas as séries, e que se voltasse *para* os alunos daquela comunidade, representava inicialmente um desejo e uma aposta². O desejo era colocar em movimento, transformar em acontecimento uma expe-

1. O trabalho com o *Borrão* era uma das três frentes de ação e pesquisa do sub-projeto de língua portuguesa “Na Sala de Aula, entre Leitores”, um dos cinco subprojetos integrantes da Pesquisa em Parceria EEPSPG Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas, financiada pelo Programa Especial Fapesp-Ensino Público, no período de 1996-2000. (Processo n. 96/02489-0). Lillian L.M. Silva e Anna Carla de Oliveira Dinni, autoras deste trabalho, foram respectivamente coordenadora e bolsista desse subprojeto.
2. Em Março de 1998, o então aluno da graduação em letras, Fábio Dobashi Furuzato, formulou os primeiros objetivos do trabalho em seu projeto de iniciação científica (O jornal Escolar como Metodologia de Ensino de Redação), o qual teve desde o início a nossa adesão e a partir do qual realizamos posteriormente o trabalho que aqui relatamos.

riência escolar com a escrita que buscasse a coerência com uma concepção de linguagem que a toma como “atividade interacional, constitutiva dos sujeitos que a praticam, mas também constituída por esses mesmos sujeitos e por essa mesma prática” (GERALDI, 1986, p.23). Esta é uma concepção largamente discutida no meio acadêmico nos últimos vinte anos e já amplamente disseminada na rede escolar através de cursos, documentos e programas curriculares. Tratava-se então de um esforço de implementação ou enraizamento das recentes orientações curriculares para o trabalho com a linguagem na escola e, mais especificamente, no ensino da escrita.

A aposta era a seguinte: pensava-se que a existência de um jornal produzido na escola, representando um destino mais palpável e significativo para a escrita dos alunos, pudesse com o tempo redimensionar todo o trabalho de escrita feito no interior dessa instituição, desde os temas escolhidos para as redações, os gêneros textuais, o processo da escrita e da leitura em sala de aula, até o interesse e o envolvimento da comunidade escolar nessa atividade comumente rejeitada e atravessada por dificuldades. Acreditava-se que a existência do jornal como espaço de acolhimento da palavra escrita dos alunos e como possibilidade de material de leitura da comunidade escolar tivesse a força de desenhar uma outra metodologia de ensino da escrita, tão necessária como mostravam os estudos de Pécora (1986); Lemos (1977); Brito (1984) Geraldi (1984), entre outros.

O pertencimento do trabalho a um projeto integrado e interdisciplinar, de ação e pesquisa na escola, numa parceria desta com a universidade, acrescentou outros propósitos e desafios, que incluíam a articulação entre ensino e pesquisa e entre formação inicial e continuada, já que ao projeto vinculou-se a disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. Formou-se então, para nós, *mais um desejo*: o de vivenciar com os licenciandos os desafios de uma produção de conhecimento relativo aos diferentes aspectos envolvidos na leitura e escrita dos adolescentes, tendo em vista sua formação profissional.

Um olhar para a escola

Já ao longo do primeiro ano fomos nos convencendo do quanto era difícil inscrever esse desejo e essa aposta no cotidiano daquela escola. Eram seis diferentes professores de português, atuando em três diferentes turnos, pensando coisas diferentes sobre a escrita e os alunos, com vontades e programas de ensino muito diferentes e praticamente sem tempo e sem muita abertura inicial para uma adesão a propostas, planos e conversas em conjunto. Apenas duas dessas professoras tornaram-se professoras-parceiras no Projeto Fapesp. Atuavam no Ensino Fundamental e, mesmo assim, em algumas das séries e turmas.

Tal situação interpelava — e de maneira contundente — nossos propósitos de uma ação global, integrada e coletiva que viesse significar uma mudança de

perspectiva curricular. Seria preciso trabalhar na diversidade e na parcialidade, na resistência e na aceitação, muitas vezes na indiferença.

Era uma escola partida em duas: a do dia e a da noite. Dinâmicas diferentes, direção diferente, alunos e professores diferentes. Os do dia e os da noite viam-se como muito diferentes, contrapunham-se em seus discursos. Nossa atividade com o jornal não previa separação dos alunos em série, nem entre turnos. Eles se leriam uns aos outros? O que teriam para se dizer? Como reuni-los em torno de uma mesma ação? Num mesmo tempo e espaço? Num único trabalho, já que tinham vozes e interesses que pareciam ser tão distintos?

Era também uma escola que nos pareceu sem lugar para qualquer acontecimento que não fosse uma aula convencional. Espaços alternativos à sala de aula, naquela escola, eram o pátio, as escadas e corredores. Não havia biblioteca e a sala de informática para instalação de nossas reuniões foi uma conquista lenta e sempre dificultada pelos sucessivos desaparecimentos da chave, desencontros entre autorizações e desautorizações, suspeitas, além de disputas e outras ocupações.

Era uma comunidade de alunos que nos pareceu inicialmente ir à escola *exclusivamente e rapidamente* para as aulas. Uma comunidade que até se representava e se via como leitora de jornal, portanto no pólo da recepção, mas que relutava em arriscar-se no pólo da produção.

Mobilizá-los (alunos e professores) para um esforço coletivo e em horário extraclasse em torno de uma prática da escrita, que ultrapassasse o mero “exercício escolar” revelou-se, no início, quase uma impossibilidade. Entretanto, se aquilo que imaginávamos ser possível não ocorria da forma como planejáramos, outras coisas, inclusive não previstas por nós, insinuavam-se como boas possibilidades. Abrimo-nos devagarzinho para elas e, com elas, fomos buscando uma outra configuração para nosso trabalho, agora melhor negociada com a comunidade.

As primeiras descobertas

Começamos os primeiros encontros da turma do jornal no pátio, em horário do recreio, em meio a muito jogo de cintura no trato com inspetores, tempos, normas, rotinas. Breves conversas, pequenos agrupamentos, alguns acordos. A ausência de uma sala e de um tempo para as reuniões estabeleceu esta dinâmica. A única possível naquele momento de instauração de um trabalho. Algo localizado no “entretempo”, fugidio, sem muita forma, nenhum controle. Que força aquilo teria? Impôs também a criação de uma caixa – a preta — para depósito de “colaborações”. E, ainda, um sistema de cartazes que para nós, naquele momento, representou tão somente uma forma de comunicação, mas que agora temos a oportunidade de compreender melhor. Eram palavras escritas que se disseminavam pelas paredes do pátio, dos corredores e das salas de aula, em forma de chamamentos,

recados, lembretes. Esses cartazes se transformaram nas primeiras tentativas de construção de um elo — pela palavra escrita — entre nós e a comunidade discente e docente. Uma escrita que tendo a intenção de mobilizar, informar, fazer lembrar, agir sobre o outro, também nos anunciava para o outro, lançando uma ponte entre nós. Escrevíamos os cartazes para alcançar o outro e esperávamos que, em presença dessa escrita, o outro nos reconhecesse. Assim foi que a palavra escrita realizou as primeiras mediações entre nós e aquela comunidade. Nessa escrita fomos textualizando nossos encontros e desencontros ao longo do tempo.

A caixa-preta, como objeto existente no pátio, foi também mediadora de nossas relações. Ela procurava garantir a nossa presença ali, cotidianamente. À espera das colaborações, insinuava-se num espaço habitualmente tomado pelos alunos, realizando um apelo mudo. Quando abrimos pela primeira vez a caixa, deparamo-nos com as primeiras respostas dos alunos, que eram majoritariamente desenhos. Colhíamos, surpresos, o que nos pareceu ser naquele momento um gosto especial daquela comunidade pelo desenho, com traços e motivos bem peculiares. Ao lado deles, um outro conjunto de manifestações: pequenos recados e declarações sempre endereçadas a alguém. Convidados a escrever, a colaborar num jornal da escola, feito por eles e para eles, era assim que “espontaneamente” os alunos respondiam, nos surpreendendo e aos inspetores, cuja sentença inicial havia sido: ninguém vai se manifestar!

Como entender as escolhas desses alunos? Seria tão somente uma questão de gosto? De faixa etária?

Ter permanecido na escola por um longo tempo nos permite hoje considerar que aqueles alunos viram o jornal como uma espécie de vitrine dos talentos e habilidades pessoais. Algo que poderia projetar para o grupo um “eu” que, neste mesmo grupo, ficava indiferenciado. Querer estar no jornal, como imagem numa foto, como autor que assina um texto, página ou desenho, mesmo como alguém mencionado no interior de uma matéria, foi quase sempre o motor da participação de muitos.

Outra forma de considerar este primeiro resultado é tomá-lo como expressão de uma prática comum daquele grupo, uma maneira compartilhada culturalmente e socialmente de fazer uso da escrita/inscrição; pensar que seria dessa forma que aquele grupo se relacionava e procurava garantir sua inserção num mundo de escrita. Não seria um gesto da mesma natureza daquele que produz inscrições pelos muros e locais da cidade, do bairro?

Ao final do primeiro ano, *O Borrão* era o resultado da atividade de escrita de um pequeno grupo de alunos que, em horário extraclasse, trabalhava sob a supervisão direta de estagiários da disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. Nesse tempo, apenas muito parcial e esporadicamente o jornal foi tomado por alguns professores como destino e como catalisador da produção desenvolvida em sala de aula. Talvez aqueles mais sensíveis

à existência de um veículo que podia assegurar um público leitor para os escritos dos alunos. Talvez aqueles que, lançando mão dessa possibilidade, buscassem um outro engajamento dos alunos na atividade de escrever na escola.

Basicamente o jornal foi-se organizando a partir de contribuições espontâneas, recolhidas pela caixa preta, de eventuais trabalhos selecionados da sala de aula e da produção desse pequeno grupo de alunos, do qual *O Borrão* foi acolhendo aos poucos as vontades, as palavras, as formas de escrita.

Embora não tenha modificado as condições de produção de textos nas salas de aula e não tenha mobilizado toda a grande comunidade escolar para o trabalho de escrever, é certo que *O Borrão* foi conseguindo atrair para si um certo público leitor. Aos poucos, os alunos, aos quais o jornal era distribuído, não mais o abandonavam em suas carteiras... Aos poucos, alguns professores passaram a se ocupar da leitura do jornal e dos comentários de suas matérias em aula. Aos poucos, o jornal começou a ser distribuído no bairro em pontos como bancas de jornal, pontos comerciais, etc. Se não tínhamos êxito em nossos propósitos iniciais de trabalho, era certo que íamos obtendo alguns resultados numa outra direção, que se configurou no processo, e que entendemos ser a mais adequada e exequível. Realizar o jornal para a formação de um público leitor.

Aos poucos, esse “público” foi-nos apontando não só os assuntos de seu interesse, como sua linguagem, seus modos e formas de dizer, seus costumes, como também a feição que a página escrita precisava ter para capturar e “animar” o leitor.

Um jornal de/para tribos diferentes

Vencidas as dificuldades iniciais relacionadas ao local e tempo para as reuniões e à estabilidade do grupo envolvido, as reuniões semanais passaram a incluir a definição de pauta, a distribuição de responsabilidades, as discussões temáticas, a preparação das primeiras versões dos textos, sua revisão, sua leitura e apreciação no grupo, a reescrita, a escrita coletiva, às vezes sua digitação, diagramação, composição, etc. O jornal passou a compor-se de várias editoriais fixas, cada uma sob a responsabilidade de um ou mais alunos, e dos estagiários: música, esporte, religião, atualidades, entre outros. Segue abaixo um breve resumo dos assuntos tratados em seções, que se mantiveram constantes a cada edição:

Contemporâneo: o criador desta página discutiu a cada número um fato atual ocorrido dentro do espaço da escola. No entanto, é interessante notar que, a cada discussão, o autor contrapunha esse acontecimento com um outro, ocorrido numa esfera maior – em âmbito nacional e internacional. Macro e micro esferas juntas. Como exemplo, a discussão sobre a construção e derrocada do Muro de Berlim, na Alemanha, que acontece no interior da discussão sobre a construção do muro da escola, em setembro de 1999.

Kerigma: Página sobre religião. Este trecho pode sofrer esta alteração: “Os autores, participantes de um movimento religioso, que se reuniam na escola todos os dias, nos momentos do recreio, procuravam mostrar como vive uma juventude evangélica: seus divertimentos, planos, crenças, desejos.

Tudo sobre sexo: a partir de dúvidas sobre sexo, namoro e amor, depositados na Caixa Roxa (criada por nós como uma outra possibilidade de participação dos alunos), selecionamos algumas perguntas e as encaminhamos ao GEISH (Grupo de Estudos de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da Unicamp) para que fossem respondidas da maneira mais adequada.

Da sala de aula: nesta seção, foram publicadas atividades realizadas em sala de aula, como resenhas, poemas, narrativas, crônicas.

Na Escada: página direcionada a alunos do Ensino Médio, versando sobre eles próprios. Em entrevistas realizadas no recreio, nos corredores, nas escadas, conhecemos um pouco de suas vidas fora da escola.

“Sport’s Health”: página sobre práticas esportivas aliadas a uma vida saudável. Os entrevistados eram alunos da escola, que se ocupavam de alguma atividade esportiva fora e dentro dela.

Feitiço da Lua: página esotérica, que tratava de horóscopos, magia, bruxaria, etc.

Você já experimentou seu lado artístico?: página que comentou várias manifestações artísticas, como teatro, por exemplo e, também, deu dicas para quem queria se envolver com alguma forma de arte.

“Love’s in the air”: publicação de bilhetes e recados amorosos entre os alunos. Seção que fez grande sucesso no *O Borrão*, publicada pontualmente em todos os números.

A descrição das páginas dá maior visibilidade a *O Borrão* como espaço de acolhimento de um mundo diverso, em relação ao qual a escola e os professores não podem fingir desconhecimento, nem desenvolver intolerância. Quem são os criadores e autores dessas páginas? Capoeiristas, *rappers*, balconistas, evangélicos, esotéricos, atores... – que, em uma parte dos seus dias, estudam e compartilham a mesma escola. Esta os enxerga e os vê como estudantes, unicamente, esquecendo-se de quem são, como pensam, como agem, como falam, como sentem, e o que fazem na sociedade em que vivem.

Leitores e autores desse jornal apontaram, a cada número, para um mundo que ultrapassava as fronteiras da escola, que buscava um universo maior. A Escola *Barão Geraldo de Rezende*, prevista em nosso projeto inicial como um ambiente homogêneo, transformou-se, aos nossos olhos, em um lugar diverso, plural, heterogêneo, que abriga vários estilos de vida, várias crenças, várias maneiras de ver, compreender e descrever o mundo e a vida.

As inúmeras reuniões das equipes de alunos e estagiários nos finais das tardes de segunda-feira foram momentos de um verdadeiro mergulho nesse(s) mundo(s),

movidos que estávamos para capturar, compreender e ajudá-los a escrever a sua fala viva. Nesses momentos, essas vozes, dispersas e comumente silenciadas no território escolar, foram compondo para nós uma espécie de visão extra-oficial da escola.

Os leitores como autores: uma outra textualidade para o *Borrão*

Mas o *Borrão* nem sempre foi assim. A busca dos melhores assuntos e da melhor forma de organizar e assegurar a produção dos textos para o jornal foi uma conquista lenta, que incluiu não só o esforço individual, mas, sobretudo, as aprendizagens compartilhadas nos grupos. Ao lado desses desafios, o de encontrar uma linguagem, uma forma escrita que pudesse acolher, traduzir essa diversidade de vozes, de assuntos, que estivesse enlaçada a essas vidas e que conseguisse enlaçar os leitores. Nesse desafio, a colaboração dos leitores foi fundamental, já que suas reações aos primeiros números indicavam o que naquele momento interpretamos como uma dificuldade, um desinteresse. O jornal era deles — pelos conteúdos, pela possibilidade de participação na elaboração — mas ainda precisava ser de fato deles na leitura. Convidados informalmente a uma apreciação do que tinham em mãos, a uma explicação para a dificuldade e para o desinteresse, apresentaram para nós o que poderia ser uma explicação e ao mesmo tempo uma alternativa.

Sabiam não só o que queriam como conteúdo do jornal, mas também nos diziam da forma. *A coisa e a forma da coisa juntas*. Vimo-nos, então, no âmbito das coisas novas, para as quais nosso conhecimento, nosso saber fazer parecia não ser suficiente.

Encontramos no trabalho de Freitas (2000), sobre as práticas de leitura e de escrita de crianças e adolescentes de diferentes inserções culturais, as palavras inspiradas de Pasolini, que reforçam não apenas a indissociabilidade entre as coisas e suas linguagens, destacando a linguagem como mediadora, constituidora dos conhecimentos, mas apontam para o tamanho do desafio dos professores e do nosso desafio no trabalho com o *Borrão*.

Aquilo que as coisas com sua linguagem me ensinaram é absolutamente diferente daquilo que as coisas com sua linguagem ensinaram a você. Não mudou, porém, a linguagem das coisas, caro Gennariello: são as próprias coisas que mudaram. E mudaram de maneira radical. (...) E é um fim de mundo, o que aconteceu entre mim, que tenho cinquenta anos, e você, que tem quinze. Minha figura de pedagogo é então irremediavelmente colocada em crise. Não se pode ensinar se ao mesmo tempo não se aprende (PASOLINI, 1990, p. 131-132).

Aqueles alunos não reconheciam seus assuntos e não se reconheciam neles, pois estes assumiam, nas páginas do *Borrão*, uma feição que lhes parecia estranha, a ponto de tornarem-se impermeáveis. As ricas e intermináveis discussões das

reuniões, os relatos, as entrevistas ganhavam uma textualidade que parecia afastar os leitores.

Inicialmente organizado em páginas de duas colunas, saturadas de escrita e algumas ilustrações, *O Borrão* foi-se organizando numa escrita encaixada em boxes, os textos ficaram menores, mais fragmentados, configurados em gêneros pouco utilizados na escola. A página ganhou uma imagem mais dinâmica, uma composição híbrida; a escrita também foi sendo desenhada para figurar como imagem ao lado de outras, modulando a oposição entre desenho e palavra. O aspecto inicial de uniformidade, linearidade — seqüência tão comum à página impressa, impondo ordem e direção na leitura — foi sendo aos poucos abandonado.

A busca dessa escrita foi lenta e compartilhada no grupo. Obrigou-nos a uma revisão da imagem do que fosse um bom texto. Textos trazidos pelos alunos nos fizeram parar e pensar sobre algumas das exigências que fazíamos em relação à sintaxe, aos modos de dizer. Também obrigou os alunos a confrontarem o que expressavam oralmente no grupo com a versão escrita que esta expressão precisava ganhar, sem perder de vista os limites do *Borrão* como impresso, com suas possibilidades técnicas de fabricação.

A busca dessa escrita incluiu a manipulação e a leitura pelo grupo de muitos impressos, desde a revista *Capricho* até a *Caros Amigos*, a *Veja*, a *Superinteressante*. O que estamos lendo? Como estamos lendo? Como isso, que estamos lendo, nos lê? O trabalho passou pela discussão daquilo que se lê na escola, do que se lê fora dela, do que não se lê. Gosto e aversão. Facilidade e dificuldade na leitura. Escolha e obrigatoriedade. Especulou-se sobre o texto que tem a força de arrastar o jovem nesta aventura que é a leitura, sobre a velocidade com que ele vive o seu cotidiano e sobre o outro tempo, que a leitura pode querer instaurar.

O grupo também se detinha regularmente na análise conjunta dos diferentes gêneros compatíveis com o jornal e com a revista; do que se tinha para dizer; da necessidade de uma forma escrita que ajudasse a dizer o que se queria; das imagens dos leitores; das características do veículo; e das possibilidades técnicas existentes para a sua produção naquele momento, de modo que o resultado refletisse a negociação entre todos esses aspectos.

No momento em que voltamos a este trabalho, aos nossos relatórios e anotações de pesquisa, aos números do jornal, nós o fazemos em companhia das idéias que encontramos em Dias (2000), em sua tese que discute as características da escrita hipertextual e postulações teóricas do pós-estruturalismo relacionadas ao texto. À luz de suas considerações procuramos alguns sentidos para os acontecimentos da nossa experiência com o jornal na escola.

Pareceu-nos que a resistência daqueles alunos às primeiras páginas do *Borrão* tinha muito em comum com aspectos da escrita e da leitura “interpelados” pelo movimento hipertextual.

Nosso desafio havia sido a superação de uma textualidade que produz a escrita linear, mesmo estando num suporte impresso. À semelhança, por exemplo, do que os impressos que se dirigem ao grande público já realizam, à semelhança das páginas dos manuais didáticos contemporâneos.

Buscamos fabricar uma página que se oferecesse como conjunto de palavras-imagens entrelaçadas, sem uma porta de entrada principal, de modo a garantir vários percursos de leitura. Uma página que não se apresentasse com um único ponto de partida, mas com múltiplos pontos de entrada, facilitando a leitura como o resultado das escolhas de cada leitor. Sabemos que, na leitura, não nos aprisionamos necessariamente à linearidade, seqüencialidade, continuidade, hierarquia, próprios da escrita; não nos submetemos a uma ordem imposta, que busca controlar a experiência. Resistimos a ela através de inúmeras estratégias. Reservamo-nos, muitas vezes, o direito de saltar linhas, ler o que está no fim antes de ir ao começo, traçando um outro texto, paralelo ou original, sobre aquele que está disposto sobre o papel.

No entanto, para aqueles alunos, esse exercício de rebeldia e liberdade diante do autoritarismo da página impressa no ambiente escolar exigia uma espécie de disposição que não pareciam ter.

Quando discorre sobre o hipertexto, na tese *Hipertexto, o labirinto eletrônico: uma experiência hipertextual*, Dias refere-se a um texto fragmentado e descontínuo em contraposição a uma totalidade unitária. Foi assim com o *Borrão*: em lugar da continuidade das colunas, a descontinuidade dos pequenos textos. Embora estejamos falando em textos fragmentados e descontínuos, características que, por princípio, a escola questiona, em certo sentido, precisamente nessa produção descontínua e fragmentada pulsa com mais força a idéia de texto como trama e rede, uma metáfora habitualmente utilizada quando se considera o texto. Porque é na descontinuidade que o leitor é convidado com maior ênfase a atuar como aquele que vai entrelaçar.

A autora remete também aos recursos que procuram quebrar o aspecto bidimensional da folha de papel, fazendo lembrar das iluminuras dos séculos XVI e XVII, bem como dos acrósticos e hai-kais, enquanto precursores dos recursos do texto eletrônico. Foi assim também com o *Borrão*: uma escrita “enfeitada” visualmente, trabalhada como forma de produção dessa quebra, forma de intervenção nas seqüências do texto.

As reflexões de Dias sobre o hipertexto também nos levam a pensar sobre as fronteiras entre autor e leitor. Os meninos e meninas que nos guiaram na busca dessa escrita diferenciada, exercendo a leitura, atuaram como autores. Uma espécie de autoria que não se inaugura com o gesto solitário da caneta sobre a página em branco, mas que transborda esse momento. Essa é uma forma de considerar as contribuições dos alunos, não como resultado de uma sondagem junto ao público

leitor, mas como parte do processo de produção de texto. Uma parte que é oral e compartilhada, mas que engendra uma autoria. Esta idéia encontra respaldo nas palavras de Benjamim, retiradas do texto de Dias:

Benjamim, referindo-se à imprensa russa fez alusão ao desaparecimento da distinção convencional entre autor e público. Ao afirmar que leitores estavam sempre prontos a escrever, descrever e prescrever nos jornais soviéticos, fazendo com que o mundo do trabalho tomasse a palavra e transformasse a literatura em direito de todos, atribuiu ao jornal uma outra forma de apresentar o texto, a função de redenção da palavra (BENJAMIM apud DIAS, 2000).

Esse trabalho todo foi registrado em documentos, relatórios, etc. Foi também narrando-se continuamente nos diários de campo dos estagiários. Foi também continuamente se narrando nos diários de campo dos estagiários. Para encerrar este texto, de um desses diários retiramos a passagem abaixo:

Sobre o jornal, achei que foram muito legais as mudanças ocorridas nele, a busca incessante em agradar os nossos leitores (uma busca, que agora eu sei, será eterna!), o fato de termos de nos preocupar com coisas do tipo: tamanho da letra, texto fragmentado, mais espaço, boxes explicativos, desenhos, enfim, preocupações que, até então, se faziam totalmente desnecessárias quando íamos produzir algum texto. Tudo isso foi muito importante para traçarmos o perfil dos leitores de hoje: leitores de imagens. Se isso é bom ou ruim, eu realmente não sei. Sinto-me tentada em dizer que é péssimo, pois cresci ouvindo que “ler é bom”, “tem que ler”, mas quando digo ler, falo daquelas letrinhas pequenas, todas espremidinhas, quanto mais melhor. Talvez esse discurso já não faça mais sentido algum dentro de um tempo em que impera a tecnologia, o colorido, os sons e as imagens. Tempo em que não se fala mais somente em intertextualidade, mas em hipertextualidade. Tempo outro, outro tempo (Priscila Brito, 14/11/99).

Referências Bibliográficas

- BENJAMIM, W. Magia e técnica, arte e política. In: BENJAMIM, W. *Obras escolhidas*, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRITO, Percival L. Em Terra de Surdos- mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J.W. (org.) *O Texto na Sala de Aula: leitura e produção*. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- DIAS, Maria Helena. *Hipertexto, o labirinto eletrônico: uma experiência hipertextual*. 2000. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp.
- FREITAS, Maria Teresa de A. Conhecendo Novas Práticas de Leitura e Escrita. In: PAIVA et al. (org.). *No Fim do Século: a diversidade. O jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GERALDI, J.W. (org.) *O Texto na Sala de Aula: leitura e produção*. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GERALDI, J.W. Prática de Produção de Textos na Escola. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 07. Campinas: Unicamp, 1986.

LEMOS, Cláudia T.G. Redações de Vestibular: algumas estratégias. *Cadernos de Pesquisa* n. 23. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1977.

PÉCORRA, Alcir. *Problemas de Redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.